

O ENUMA ELISH, POEMA BABILÔNICO DA CRIAÇÃO DO MUNDO

por Waldísio Araújo



Uma das sete tábuas, em escrita cuneiforme, do Enuma Elish, o poema babilônico da criação do mundo.

Inserimos aqui uma tradução e adaptação bastante livre e em prosa do poema babilônico da criação do mundo, o Enuma Elish. A versão encontrada na biblioteca de Assurbanípal é do século VI a.C., mas sua elaboração deve-se provavelmente a séculos antes. Aqui traduzimos com base sobretudo na versão de W. G. Lambert, de 1966, disponível no site [ETANA](http://ETANA.org) (Electronic Tools and Ancient Near East Archives), que comparamos com outras traduções em inglês, francês, português e espanhol). Nosso propósito aqui não é o de simplesmente traduzir a tradução inglesa ao pé da letra, mas proporcionar ao leitor brasileiro médio uma fácil compreensão do texto e uma evocação razoavelmente expressiva do contexto cultural em que os antigos babilônios o conceberam. Solicito aos leitores mais familiarizados com a cultura do antigo Oriente Próximo reportar-nos qualquer impropriedade linguística ou histórica.

O universo primordial e o surgimento dos deuses

Antes de surgirem o céu e a terra, havia apenas as águas doces do fértil Apsu e as águas salgadas da oceânica Tiamat, que se misturavam indistintamente num único corpo abissal. Nada absolutamente havia aparecido, nem o pântano, nem o caniço, nem mesmo os deuses, nada havia ganho nome ou destino determinado. Foi dessa massa líquida informe que os deuses começaram a ser formados e por seus nomes chamados: Lahmu e Lahamu, e em breve Anshar (a linha de horizonte do céu) e Kishar (a linha de horizonte da terra), que foram os pais de Anu, o céu – que gerou à sua imagem, entre outros, o poderoso e sábio Ea.

Contudo, em seus movimentos incessantes, ruidosos e arbitrários os deuses perturbavam as

entranhas de sua nutriz Tiamat e irritavam a seu pai Apsu, o qual (com ajuda de seu filho e ministro Mummu) tentou em vão convencer a mãe a extinguirem sua prole. Indignada com a proposta, Tiamat sugeriu relevarem pacientemente as atitudes dos deuses, mas Apsu preferiu dar ouvidos aos conselhos de Mummu favoráveis ao extermínio.

Os deuses emudeceram ao saber o que contra eles se tramava, mas o sábio Ea concebeu e executou um estratagema: elaborou, recitou e lançou um feitiço que, disseminando-se no abismo, adormeceu profundamente Apsu e imobilizou Mummu. Então, despindo Apsu de sua aura protetora, matou-o, construindo sobre o corpo abissal sua própria morada sagrada e deixando aprisionando Mummu. Ali habitando com sua esposa Damkina, Ea com esta engendrou o poderoso e sábio Marduk, senhor das tempestades e detentor dos raios, o mais belo, poderoso e altivo dos deuses.

A ira de Tiamat contra os deuses

O torvelinho do poderoso quádruplo vento – que Anu criou e com o qual presenteou a Marduk – molestava a Tiamat, assim como a tempestade atormentava os deuses, que recorreram à mãe de todos:

– Ó, Tiamat, mataram Apsu, teu esposo sem que tu o ajudasses; agora criaram o quádruplo vento que incomoda teus órgãos e nos tira o repouso. Recorda-te do que fizeram a teu esposo e ao vencido Mummu, de como fostes deixada sozinha! Vingá-te, para que repousemos!

Então Tiamat fez terríveis criaturas para lutarem contra os deuses e encarregou Hubur – a que dá forma a todas as coisas – de armá-las terrivelmente com monstruosas serpentes venenosas e dragões que paralisam de medo a quem os vê. Assim foram criados a Víbora, o Dragão, a Esfinge, o Leão Gigante, o Cão Louco, o Homem-Escorpião, os Demônios-Leões, o Dragão de Asas e o Centauro. E convocou Assembleia para exigir união de todos a ela e para estabelecer comandante supremo a seu filho Kingu, a quem tomou como esposo e para quem entregou as Tábuas do Destino – que de direito pertenciam a Anu – as quais dotavam de poder irresistível suas palavras de comando.

Diante desses preparativos, Ea ponderou e decidiu recorrer a Anshar, seu avô, que, tomado de pânico, ordenou-lhe que matasse Kingu como matara a Apsu. Mas ao ver de perto os planos de Tiamat, Ea amedrontou-se e retornou sem ousar ir ter com ela. Então Anshar enviou seu filho Anu para com palavras acalmar a ira de Tiamat, mas tampouco ele ousou dela aproximar-se. Desanimados, os deuses se calaram sem esperança de encontrar quem ousasse desafiar Tiamat, mas finalmente Ea incumbiu seu filho Marduk de apresentar-se destemidamente diante de Anshar e convencê-lo a lhe dar sua bênção para comparecer diante de Tiamat e apaziguá-la. Marduk aceitou a terrível missão mas impôs uma condição:

– Pai, que os deuses em Assembleia me proclamem seu soberano, que minha palavra de comando passe a determinar para sempre os destinos e que tudo o que ela trouxer à existência seja inalterável, não possa ser renomeado nem alterado!

O combate entre Marduk e Tiamat

Enviado a Anshar, este convenceu-se dos méritos de Marduk e ordenou a seu ministro Gaga ir buscar o apoio dos ancestrais Lahmu e Lahamu e dos demais deuses para, em Assembleia, instituírem Marduk como seu vingador. Temerosos, compareceram todos diante de Anshar e no Ubshukinna confraternizaram e solenemente aceitaram fazer de Marduk seu comandante,

reconhecendo-o como soberano dos deuses e do universo, seus decretos instituídos como inalteráveis. Para pôr à prova sua palavra de comando, foram colocadas diante dele umas vestes, e ele venceu o desafio de fazê-las desaparecer e novamente reaparecer, confirmando-se assim a eficácia de seus decretos. Proclamado e coroado rei, Marduk foi armado e a ele os deuses confiaram sua salvação:



Empunhando os raios, o deus da tempestade Marduk investe contra os inimigos da ordem cósmica. (Colorizado ilustração contida na obra Monuments of Nineveh, de Austen Henry Layard, de 1853. Disponível na Wikipedia)

– Vai e mata Tiamat! Que os ventos espalhem seu sangue pelos mais ocultos recantos do universo!

Marduk fez para si um arco para lançar suas flechas e armou-se da maça, do raio e de uma rede de cujos cantos encarregou os ventos Sul, Norte, Leste e Oeste. E criou Imhullu (a Ventania Nefasta), o Turbilhão, o Furacão, o Quádruplo Vento, o Sétuplo Vento, o Ciclone e o Vento Incomparável, reservando-os para enviá-los às entranhas de Tiamat. Finalmente ergueu a inundação torrencial, e à Tempestade (sua mais poderosa arma) atrelou quatro mortíferos e destruidores animais, pondo ainda, de cada lado de sua carruagem, os terríveis Golpeador e Combatente.

Vestindo sua armadura de terror e portando sua aura temível, Marduk pôs-se a caminho para enfrentar a face indomável de Tiamat. Seus lábios proferiam um feitiço, e veneno ele levava em suas mãos, enquanto os deuses, seus pais, desferiam golpes em volta dele. Marduk aproximou-se para observar as entranhas de Tiamat e a estratégia de Kingu, e enquanto olhava perdeu-se nos caminhos, distraiu-se e seus atos se confundiram, para desespero dos seus companheiros.

Tiamat então lançou aos gritos um terrível desafio, e Marduk, levantando a tempestade do Dilúvio, bradou-lhe:

– Porque teu coração exaltado suscitou conflitos; porque os filhos rejeitaram seus pais enquanto tu não mais os amas; porque desposastes a Kingu e impiamente lhe entregastes o que pertencia a Anu; porque buscas o mal a Anshar e aos deuses, meus pais, eu te desafio a combate singular!

Então atiraram-se um contra o outro, atracando-se em batalha de armas e feitiços. Finalmente, Marduk estendeu sobre ela sua rede, lançou lhe contra o rosto a Ventania Nefasta e – enquanto Tiamat abria a boca para devorá-lo – orientou-a para o interior, que os terríveis ventos incharam. Então Marduk empunhou o arco e atravessou o ventre de Tiamat com sua flecha, abrindo suas entranhas, rasgando seu coração e extinguindo-lhe a vida.

Ao ver cair o cadáver de Tiamat, que agora servia de solo aos pés de Marduk, os inimigos bateram em retirada, mas foram cercados, aprisionados, desarmados e imobilizados sob a rede do vencedor, ficando à mercê de sua ira assim como as onze criaturas que Tiamat tinha enchido com o terror e seu comandante Kingu – que foi amarrado e entregue a Uggae, o deus da morte, após ser-lhe

retomada a Tábua dos Destinos. Finalmente, Marduk esmagou com sua maça o crânio de Tiamat e cortou suas artérias, e o Vento Norte espalhou seu sangue para os lugares mais remotos.

A criação do Cosmos por Marduk

Observando o cadáver de Tiamat, Marduk viu que poderia com dele realizar inteligentemente grandes obras. Então como a um molusco ele o dividiu em dois, com a metade superior cobrindo o céu e puxando as bordas para baixo a fim de não permitir que as águas escapassem. No céu, mediu e delimitou o Apsu, morada de Ea, e estabeleceu o Esharra, a grande morada celeste na qual destinou as regiões de Anu, de Enlil e de Ea – demarcando com as estrelas do Zodíaco as estações dos grandes deuses, determinando assim o ano e suas divisões, com três constelações para cada um dos doze meses. E tendo definido os dias do ano mediante figuras celestes, fundou a estação de Nebiru, a Estrela Polar, a fim de que os astros em movimento não se extrviassem. E nas extremidades das estações dos grandes deuses abriu portões com fortes ferrolhos, estabelecendo o zênite no ponto mais alto do ventre de Tiamat.

Criou a Lua brilhante para encarregar-se da noite e demarcar os dias do mês de acordo com o aspecto de sua coroa, que doravante apareceria nos seis primeiros dias de cada mês como um par de chifre luminoso a elevar-se sobre a terra, crescendo a coroa até a metade no sétimo dia e seguindo-se um período de quinze dias em que a outra metade estará iluminada, passando a perder a luz quando o Sol dela se aproxima na base do céu (de onde vão juntos exercer julgamentos), antes de no trigésimo dia novamente se oporem. E criou o Sol, ao qual destinou a luz do dia, perfazendo assim a separação das noites e dos dias.

Em seguida tomou Marduk da saliva de Tiamat para formar as nuvens, que ele encheu de água, e distribuiu os ventos, a chuva, o frio e o nevoeiro, tudo planejado e criado por ele. Modelando a cabeça de Tiamat fez os montes, nos quais abriu lugares para o fluxo das águas das profundezas, fazendo jorrar de suas órbitas o Tigre e o Eufrates, mas estancando o fluxo de suas narinas; e dos seios fez as altas montanhas, nas quais perfurou poços para conter água. E assim tudo foi estabelecido sobre o Apsu.

Destarte, foram cobertos os céus e estabilizada a terra, e se lhes impuseram limites e regras, e então Marduk fundou os lugares sagrados e deles encarregou Ea, e devolveu a Anu a Tábua dos Destinos retomada de Kingu. Quanto aos prisioneiros, ele os conduziu à presença dos deuses, seus pais, e as das onze criaturas suscitadas por Tiamat fez estátuas e as postou no portão do Apsu, para lembrança eterna.

Os deuses se alegraram imensamente e lhe trouxeram presentes, e a Usmi, que lhe trouxe oferendas da parte de sua mãe Damkina, ele concedeu a chancelaria do Apsu e a administração dos santuários. Todos lhe rendem homenagem e o conclamam Rei, nomeando-o Lugaldimmerankia. Então Marduk anunciou que entre o Apsu e o celeste Esharra, na terra, construiria para si uma rica morada, Babilônia, com um grande templo em que haveria aposentos para hospedar os deuses quando em trânsito para Assembleia, ou dela retornando.

A criação do homem

Os deuses suplicaram que se encarregasse Ea de organizar esse domicílio dos deuses na terra, a fim de que não lhes faltassem jamais suprimentos e que, assim, todos pudessem exercer suas tarefas no

universo. Foi então que Marduk concebeu a ideia de um ser, o homem, a ser criado com sangue e ossos e a quem se encarregaria de servir aos deuses, liberando-os de seus trabalhos para que melhor administrassem o céu e a terra. Visando a amenizar o plano concebido Marduk, Ea sugeriu:

– Escolhe um dos deuses derrotados e poupa os outros! Que se julgue diante da Assembleia o mais culpado pela revolta de Tiamat, e que pereça para que dele seja feito o homem!

Marduk então convocou os deuses e ordenou que lhe dissessem, sob juramento, quem concebeu a revolta e levou Tiamat a desejar a guerra. E eles denunciaram a Kingu, que foi então amarrado e suspenso diante de Ea, e este ordenou que se lhe cortassem as veias, e do sangue jorrado criou o homem imaginado por Marduk.

A morada dos deuses

Como mostra de gratidão pelos benefícios de que passariam a desfrutar, os deuses ofereceram-se para construir o santuário de Marduk em Babilônia, o Esagila, destinado ao repouso dos deuses. Para tanto, durante um ano inteiro moldaram tijolos e no segundo ano o elevaram à altura do Apsu, acrescentando-lhe uma torre de degraus tão alta quanto este, além de moradas para os grandes deuses – das quais se contemplava a própria base do celeste Esharra.

Concluído o Esagila, os deuses nele banquetearam-se e nele foram fixados os ritos e as normas e repartidas as estações do céu e da terra – trezentos deuses para cada, segundo a decisão dos cinquenta grandes deuses e dos sete deuses do destino. Diante dos deuses, então, Enlil ergueu seu arco, que Anu adotou e ao qual deu nomes, destinando-o a brilhar no céu. Os deuses, prostrados, exaltaram o destino de Marduk e solenemente juraram empenhar suas vidas por sua soberania.

Os cinquenta nomes de Marduk

Finalmente, Anshar começou a proclamar os cinquenta nomes de Marduk:

– Reverenciemos seu nome *Asarluhi*, e que suas declarações sejam determinações supremas tanto em cima como embaixo! Que conduza como um pastor suas criaturas! Que seja o sustento de seus pais! Que se lhes assemelhem na terra os caminhos que ele determinou no céu! Que se proclamem os seus cinquenta nomes!

Anshar, Lahmu e Lahamu proclamam cada um, a seguir, mais três dos nomes divinos, que – da mesma forma que o primeiro – evocam os atributos e façanhas do deus: *Marduk, Marukka, Marutukku; Barashakushu, Lugaldimmerankia, Nari-Lugaldimmerankia; Asaruludu, Namtillaku e Namru.*

Foi então solicitado aos outros deuses proclamá-los também. E eles, com efeito, sentaram-se e puseram-se a determinar destinos, pronunciando os nomes no santuário: *Asaru, Asarualim, Asarualimnunna, Tutu, Ziukkinna, Ziku, Agaku, Tuku, Shazu, Zisi, Suhrim, Suhgurim, Zahrim, Zahgurim, Embilulu, Epadun, Enbilulugugal, Hegal, Sirsir, Malah, Gil, Gilma, Agilma, Zulum, Mummu, Gishnumunab, Lugalabdubur, Pagualguenna, Lugaldurmah, Aranunna, Dumuduku, Lugallanna, Lugalugga, Irkingu, Kinma, Esizkur, Gibil, Addu, Asharu e Nebiru.*

E porque Marduk formou a terra firme, Enlil o chamou *Senhor das Terras*. E Ea, reconhecendo no filho sua própria natureza, chamou-o *Ea*, pois estava destinado a administrar e realizar os ritos e as instruções do pai.

A narração de seus feitos foi posta por escrito pelo próprio Marduk, para lembrança e instrução eterna, a fim de que se preserve para sempre em sua habitação o relato de como venceu a Tiamat e conquistou a soberania o deus cujas palavras de comando devem sempre impor-se para que o universo persista prospere.

Por Waldísio Araújo
www.waldisio.com